



RESENHA FRANTZ FANON

FANON, Frantz. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Fernanda Paraguassu¹

<https://orcid.org/0000-0002-6122-0037>

Mohammed ElHajji²

<https://orcid.org/0000-0001-8699-8200>

O conjunto da obra de Frantz Fanon (1925-1961) em torno da crítica radical ao colonialismo e da busca pela emancipação humana, produzida em meados do século passado, oferece uma importante contribuição para compreendermos as principais contradições sociais do nosso tempo. Nasceu na Martinica – que segue sendo departamento ultramarino insular francês –, passou parte de sua vida na Argélia. Lutou pela independência da Argélia e era considerado cidadão argelino. Considerado um revolucionário, Fanon construiu uma interpretação psicanalítica da questão negra e tornou-se inspiração para os movimentos antirracistas e de direitos civis em todo o mundo.

No Brasil, Fanon ainda é pouco publicado, levando em conta sua importância para o debate sobre racismo e a efervescência de seu pensamento sobre descolonização. Sua obra é atemporal e carece ser examinada pela intelectualidade brasileira, mas sem apropriações indevidas, que a aprisione em modismos limitados na academia. Alguns de seus livros considerados clássicos da luta antirracista e anticolonial ganharam traduções pelo mercado editorial brasileiro apenas recentemente. *Pele negra, máscaras brancas* foi a principal aposta da Ubu Editora em 2020. No prefácio assinado por Grada Kilomba, há o alerta de que “talvez

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da Capes. E-mail: <fparaguassu@gmail.com>.

² Professor Titular da UFRJ. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Pós-doutorado pela UNISINOS (Mídia e Migrações). Integrante dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) e em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) - ambos da UFRJ. Sua pesquisa, estudos, produção intelectual e orientações acadêmicas (no âmbito nacional como internacional) são focados na questão migratória transnacional, diaspórica e intercultural. Professor e coordenador local do Consórcio MITRA / Master Erasmus Mundus em Migrações Transnacionais. Membro Associado do Grupo de Pesquisa em Comunicação Internacional e Intercultural GERACII da UQAM (Université du Québec à Montréal). Coordenador do Fórum de Migrações e do Simpósio de Pesquisa sobre Migrações. Líder do Grupo de Pesquisa em Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural - Diaspotics. Pesquisador do CNPq. Assessor da FAPESP. Coordenador de Relações Internacionais da UFRJ para França e os Países Francófonos. Coordenador de Intercâmbio - Escola de Comunicação da UFRJ. Professor Visitante: Université Cheikh Anta Diop de Dakar - Sênegal (2018); Université de Lille - France (2022). E-mail: <mohahajji@gmail.com>.

esta seja a obra que o Brasil mais precisa, neste momento” (2020, p. 16). Em *Por uma revolução africana*, lançado pela Zahar em 2021, o professor da Unifesp Deivison Faustino, especialista na obra de Fanon, afirma no prefácio que o livro é mais atual do que nunca e que “retomar sua obra é essencial na medida em que as feridas diagnosticadas por Fanon seguem abertas” (2021, p. 9). Seus prognósticos, avalia Faustino, ainda não foram suficientemente considerados e merecem um exame mais aprofundado.

Os escritos políticos que compõem em *Por uma revolução africana* foram construídos ao longo da estadia de Fanon na Argélia e na Tunísia entre 1953 e 1961, já recém-formado doutor em psiquiatria, quando chefiou a ala psiquiátrica do Hospital de Blida-Joinville. Seu posicionamento a favor da luta de independência está sintetizado na seleção dos 28 artigos escritos para o jornal da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), *El Moudjahid*, e publicados no livro. Portanto, Fanon teve sua trajetória clínica, política e teórica marcada pela eclosão da guerra pela libertação nacional argelina, durante uma fase de experimentos médicos anticoloniais em uma sociedade segregada. E é exatamente nesse contexto que a obra de Fanon deve ser situada para que, sem invalidá-las, as lacunas deixadas pelo intelectual possam ser preenchidas.

O “destino branco” do homem negro

Quando Fanon afirma em *Pele negra* que “o negro é um homem negro” que precisa ser removido, Kilomba avalia que ali o autor cometeu um “erro fatal” ao considerar o homem como a condição humana. Ou seja, avalia ela, o sujeito de sua obra é negro e masculino. Apesar de alguns autores defenderem que o termo inclui as mulheres, Kilomba insiste que, quando Fanon escreve com a linguagem de seu tempo, inclui a violência de excluir “os gêneros e trans-identidades negrxs da existência humana” (2020, p. 16).

Ainda assim, o brilhantismo de Fanon foi inspiração para Kilomba escrever seu trabalho acadêmico sobre o feminismo negro, que se tornou o livro *Memórias da plantação*, publicado no Brasil pela Editora Cobogó. O livro de Kilomba trata de episódios de racismo do cotidiano, nos moldes do que Fanon escreveu. Na época em que a autora construiu seu trabalho, a obra de Fanon não podia ser acessada com facilidade, já que nem existia na

biblioteca de Berlim onde ela estudava. A obra de Fanon era exatamente como Kilomba se sentia: inexistente.

– Olhe o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a gente... (...) olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme de frio, o menino treme porque tem medo do negro... (FANON, 2020, p. 129)

A análise psicológica de Fanon para a questão do negro, quem tinha apenas um destino, que era branco, requer também um reconhecimento das realidades econômicas e sociais. O complexo de inferioridade, na avaliação de Fanon, resultaria de um processo econômico, seguido de uma interiorização dessa inferioridade. A solução para sair dessa condição inferior passaria, portanto, pelos níveis objetivo e subjetivo.

Fanon afirma que a civilização europeia foi a responsável pelo racismo colonial e pelo complexo de dependência do colonizado. “É o racista que cria o inferiorizado” (2020, p. 107). Mais do que um sentimento de inferioridade, para o negro é uma sensação de inexistência. “O pecado é negro como a virtude é branca” (2020, p. 152). Como se todos os brancos armados estivessem certos e o negro fosse o culpado, sem nem saber ao certo de quê. Fanon lembra que, mesmo em minoria, o colonizador não se sente inferiorizado. “Há na Martinica duzentos brancos que se consideram superiores a 300 mil indivíduos de cor”, afirma.

No racismo colonial, segundo Fanon, a questão da linguagem é fundamental. Nota-se que o negro tem uma dimensão com seu semelhante e outra com o branco. Quanto mais o negro antilhano absorvesse a língua francesa, mais se sentiria próximo ao “homem verdadeiro”. O domínio da linguagem é, portanto, como destaca o autor, uma potência extraordinária.

No caso do martinicano que conhece a metrópole, havia uma transformação em seu retorno. Como se seu fenótipo sofresse uma metamorfose. O negro voltava diferente, um “semideus”, a ponto de deixar de lado o crioulo e se afirmar respondendo apenas em francês. Entre o recém-desembarcado e a coletividade que permanecia na colônia formava-se uma clivagem, que podia ser observada na maneira de falar, de se vestir, no trato social. Na psicologia do colonialismo, como afirma Fanon, “falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (2020, p. 52). Quanto mais branco quisesse ser o antilhano, mais teria que assumir a

linguagem como seu instrumento cultural, segundo Fanon. Falar francês era, portanto, abrir as portas que estavam interditadas para um novo mundo.

O APAGAMENTO DAS DIFERENÇAS

Em *Por uma revolução africana*, a relação entre racismo e cultura nos escritos de Fanon ganha mais destaque. O segundo capítulo é inteiramente dedicado à reflexão sobre a noção de racismo cultural exposta por Fanon em 1966, durante o I Congresso dos Escritores e Artistas Negros, em Paris. Seu pensamento estava na contramão das perspectivas hegemonicamente assumidas pelo movimento de negritude da época. Fanon se opunha às definições acadêmicas de racismo que o reduziam à sua expressão biologicista e culturalista. Ele trata, no livro, de uma afirmação dos elementos culturais negados, que teria uma função política e simbólica fundamental na luta anticolonial.

Fanon faz uma análise da reciprocidade entre racismo e cultura. “Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, deve-se dizer que o racismo é de fato um elemento cultural” (2021, p. 70). O objeto do racismo cultural não é mais, na análise do autor, o homem particular, mas uma certa forma de existir. “No limite, fala-se de mensagem, de estilo cultural” (2021, p. 71). Se o racismo é a opressão sistematizada de um povo, o que se assiste é a destruição de valores culturais, de modalidades de existência. “A língua, o vestuário, as técnicas são desvalorizados” (2021, p. 71). Há um apagamento das diferenças.

Para Fanon, deve-se atentar para o fato de que o respeito à cultura das populações originárias precisa levar em conta a não objetificação e o aprisionamento dos valores culturais. Comparações culturais que remetem a simplificações da cultura do outro levam a um racismo em todos os níveis da sociabilidade. O oprimido mergulha então na cultura imposta, dominante, e perde-se a chance de as duas culturas, ao se confrontarem, se enriquecerem mutuamente, segundo Fanon.

O racismo legalizado do colonialismo francês, na análise do autor, jamais será esquecido, tampouco deveria ser legitimado pelo povo argelino. Fanon lembra que o movimento de libertação econômica e política do século XIX em todas as Antilhas se inseriu num renascimento cultural de várias formas. A tomada da consciência da própria história, o

resgate das tradições populares, a redescoberta dos cultos africanos representaram uma forma de resistência à opressão e o orgulho de pertencer à raça negra. É por experiências como essas que Fanon afirma que as declarações das lutas de libertação argelina do domínio francês não falam em adaptação ou abrandamento, mas em restituição.

No ensaio “Principais verdades a respeito do problema colonial”, o autor ressalta que o século XX terá sido, além da era das explorações interplanetárias e das descobertas atômicas, a época da conquista pelos povos das terras que lhes pertencem. “Cada antiga colônia tem uma forma distinta de atingir a independência. Cada novo Estado soberano se vê praticamente na obrigação de manter relações definidas e preferenciais com o antigo opressor” (2021, p. 184). Na avaliação de Fanon, as condições para a libertação africana eram a unidade e a solidariedade. E essa solidariedade deveria ser concreta, em termos de homens, de equipamentos e de dinheiro. Era preciso se armar de firmeza e combatividade.

O RACISMO NÃO É MAIS SECUNDÁRIO

O fim formal da colonização na maior parte dos territórios africanos, a partir das lutas pela independência, não evitou disputas pelo poder e diversas formas de exploração neocolonial, como alertou Fanon. A diferença, segundo Faustino (FANON, 2021, p. 31), que assina o prefácio da edição brasileira, é que os “inimigos” agora são bem menos visíveis. As antigas divisões raciais do trabalho foram intensificadas e sofisticadas. Imigrantes provenientes de ex-colônias seguem sendo marginalizados nos grandes centros capitalistas. Novas fronteiras e muros nacionais, étnicos e identitários surgem para controlar a circulação de pessoas.

No Brasil, Faustino lembra que negros continuam entre os grupos mais prejudicados pela desregulamentação trabalhista e a perda de direitos sociais. A morte simbólica das pessoas negras antecede a física, que são relegadas a uma “subcidadania desumanizadora” (2021, p. 33). Exemplo disso é o índice de mortalidade por Covid-19 no Brasil, que revela um perfil racial, de classe e de gênero.

A autonomização histórica e existencial do fenômeno da discriminação racial dá margem a variáveis aparentemente explicáveis. Assim, é fundamental a compreensão das equações estruturantes do fenômeno racista: seja o racismo morfológico (cujo objeto é o

fenótipo), que visa o indivíduo em particular; ou o cultural (cujo objeto é uma forma de vida determinada, com costumes e crenças particulares), que visa o coletivo.

A questão do racismo não é mais secundária. A massa nebulosa que compõe o racismo, com elementos subjetivos e de negacionismos, além de aspectos econômicos, incide de maneira continuada sobre o negro. Efeito de novos valores, como o feminismo, a ecologia e questões de gênero, o debate sobre o racismo tornou-se central e está no plano mundial. No entanto, Kilomba (2019) alerta que ainda não há uma dimensão teórica e prática nos estudos acadêmicos relacionados ao racismo, resultando num déficit teórico e o desrespeito àqueles que experienciam comportamentos racistas. A maioria dos estudos, segundo Kilomba, tem utilizado uma macroperspectiva, negligenciando a realidade vivida, os encontros subjetivos, as lutas e os sentimentos dos negros, que se tornam visíveis na medida em que perturbam o conforto da sociedade branca.

Por isso, recorrer à obra de Frantz Fanon para compreender os conflitos sociais de hoje é fundamental para ampliar olhares, identificar gatilhos que disparam a forma social escravista e construir novos caminhos para o combate ao racismo. Se por um lado o autor apresenta como argumento central de seu livro a união dos africanos para fazer uma revolução e libertar o povo argelino da opressão com armas em punho, por outro, talvez a arma mais potente que Fanon possa nos oferecer para enfrentarmos os desafios do século XXI seja a sua própria obra para refletirmos sobre a necessidade do desmantelamento da colonialidade epistemológica. Afinal, não há democracia enquanto houver cidadão de segunda classe. Não haverá cidadania plena, enquanto houver racismo.

Referências

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

Revisão gramatical pelos próprios autores.

**RECEBIDO 29 DE MARÇO DE 2022.
APROVADO EM 10 DE DEZEMBRO DE 2022.**